



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE HISTÓRIA LOCAL:  
SOCIEDADE, EDUCAÇÃO E CULTURA**

**JULIANA NASCIMENTO DE ALMEIDA**

**ENREDANDO MEMÓRIAS DO ESPAÇO URBANO CAMPINENSE: O BAIRRO  
DE JOSÉ PINHEIRO E A FORMAÇÃO DE UMA IDENTIDADE LOCAL**

**CAMPINA GRANDE  
2020**

JULIANA NASCIMENTO DE ALMEIDA

**ENREDANDO MEMÓRIAS DO ESPAÇO URBANO CAMPINENSE: O BAIRRO  
DE JOSÉ PINHEIRO E A FORMAÇÃO DE UMA IDENTIDADE LOCAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de História Local: Sociedade, Educação e Cultura, em cumprimento à exigência para a obtenção do título de Especialista.

Linha de pesquisa: Espaços, culturas e sociabilidade

**Orientadora:** Profa. Dra. Luíra Freire Monteiro

**CAMPINA GRANDE  
2020**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A447e Almeida, Juliana Nascimento de.  
Enredando memórias do espaço urbano campinense  
[manuscrito] : o bairro de José Pinheiro e a formação de uma  
identidade local / Juliana Nascimento de Almeida. - 2020.  
38 p.  
Digitado.  
Monografia (Especialização em Estudos de História Local,  
Sociedade, Educação e Cultura) - Universidade Estadual da  
Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, 2020.  
"Orientação : Profa. Dra. Luíra Freire Monteiro ,  
Departamento de História - CEDUC."  
1. Campina Grande - Paraíba. 2. História local. 3.  
Identidade local. 4. Memória. I. Título  
21. ed. CDD 907.2

JULIANA NASCIMENTO DE ALMEIDA

**ENREDANDO MEMÓRIAS DO ESPAÇO URBANO CAMPINENSE: O BAIRRO  
DE JOSÉ PINHEIRO E A FORMAÇÃO DE UMA IDENTIDADE LOCAL**

Artigo apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de História Local: Sociedade, Educação e Cultura, em cumprimento à exigência para a obtenção do título de Especialista.

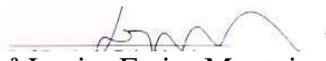
Linha de pesquisa: Espaços, culturas e sociabilidade

Aprovada em: 16/07/2020.

**BANCA EXAMINADORA**



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Luíra Freire Monteiro (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lucira Freire Monteiro  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)  
Avaliadora interna



Prof. Dr. Petrucio Ladjanio Araújo Pessoa  
Universidade de Coimbra  
Avaliador externo

**CAMPINA GRANDE**

**2020**

## AGRADECIMENTOS

Se algum dia me perguntarem se valeu a pena? Digo, com todo orgulho e gratidão que sim. Tudo valeu a pena, cada caminhada mostra-se como uma preparação para formação do corpo, que desperta em nós novos sentidos, novos modos de viver e agir. Desta maneira, sigo com o coração repleto de gratidão pelos caminhos trilhados até aqui. Grata por cada momento. Grata pela oportunidade de aprender e interagir. Grata, pois ao caminhar pela História Local, encontrei também a mim.

Certa vez, eu li que gestar a história trata-se de um parto difícil, na qual o historiador sai de sua zona de conforto para confrontar e analisar o passado. Tal situação não deixa de ser uma verdade. Sobretudo, no que tange a História Local encontramos constantemente desafiados, caçamos memórias, reviramos o “papel velho”, desencaixotamos fontes para ler e reler o passado. De fato, o local não é uma zona confortável, muito pelo contrário, é desafiador e inquietante. Não há como sair ileso, particularmente não saí, pois na especialização em Estudos de História Local: Sociedade, Educação e Cultura, fui tocada, atravessada e acolhida.

E por cada experiência manifesto meus agradecimentos. Em primeiro lugar a Deus que me permitiu o dom da vida e a capacidade de aprender, sendo a minha força nos momentos de insegurança. Ele usou pessoas que me ofereceram acolhimento e motivação. Sem estes os meus escritos não teriam sentido.

Desta maneira, sigo agradecendo ao meu pai o Sr. João José de Almeida, popularmente conhecido como “João do leite”, residente do bairro de José Pinheiro. Assim como, a minha mãe Sra. Maria do Socorro Nascimento, “Dona Maria da tapioca”, natural do município de Montadas, mas residente do bairro de José Pinheiro. Eles me inspiram cotidianamente, com suas palavras de sabedoria, me ajudam a perceber a história, memória e a construir minha identidade. Agradeço também ao meu irmão José Joaquim Almeida Neto, pelo carinho e motivação. Assim como minhas amigas do bairro, Karla Lizziane De Assis Silva e Maria Janaina Gonçalves.

Aqui também manifesto meus agradecimentos a minha orientadora, Luíra Freire Monteiro, como uma inspiração acadêmica e pessoal, com quem consegui a oportunidade de aprender sobre a vida e o local. Idealizadora da Especialização Estudos em História Local: Sociedade, Educação e Cultura, proporcionou a oportunidade de aprofundarmos nossos interesses historiográficos, adentrando nesta abordagem que muito preenche de sentimentos e sentidos o historiador com interesses na história de seu lugar.

Agradeço especialmente aos membros do NUPHEP- núcleo do qual faço parte e que desempenha importante papel na abertura de novos horizontes sobre a História Local da Paraíba. Foi justamente nos trabalhos desenvolvidos no núcleo que me reinventei, enquanto pesquisadora e achei o meu lugar. E como é gratificante saber que somos acolhidos no espaço acadêmico, pois além de desenvolver o saber científico podemos contar com um ambiente de cooperação e companheirismo.

Falar em companheirismo não poderia deixar de manifestar minha gratidão aos meus colegas de turma, com quem dividi as alegrias e as angústias da produção. Desta maneira, destaco especial atenção, aos meus amigos Ana Marcia, Fabrícia Evellyn, Juliana Falcão, Vanuza Oliveira, Pablo Ricardo a quem tenho grande estima.

A gratidão é o sentimento que me define e me dá forças para continuar. Agradeço a cada professor que participou deste lindo projeto, que se empenhou em dar o seu melhor fazendo-nos aprender novas maneiras de perceber o local, a cada um de vocês deixo o meu muito obrigada.

Por fim, agradeço a cada colaborador do meu bairro, sujeitos comuns que dividiram suas experiências, suas memórias e manifestaram felicidade em saber que eu gostaria de saber um pouco mais do “meu objeto”, do “meu bairro”, “meu lugar” na cidade. É justamente desse lugar que lhes escrevo, é desse lugar que agradeço. Em especial, aos valorosos professores que compõem a presente banca avaliadora, a professora Lucira Freire Monteiro e o professor Petrucio Ladjanio Araújo Pessoa. É com imensa alegria que lhes apresento o meu local.

# ENREDANDO MEMÓRIAS SO ESPAÇO URBANO CAMPINENSE: O BAIRRO DE JOSÉ PINHEIRO E A FORMAÇÃO DE UMA IDENTIDADE LOCAL

Juliana Nascimento de Almeida <sup>1</sup>

## RESUMO

Visando trazer contribuições para o campo da História Local, o presente artigo toma o bairro de José Pinheiro, localizado na zona Leste na cidade de Campina Grande, na qualidade de objeto de pesquisa histórica. Buscando problematizar a formação de uma identidade local, a partir das dinâmicas que se estabeleceram no bairro. Dentro do contexto de uma cidade em transformação, o bairro ganha fama e notoriedade na cidade. Compreendendo suas contribuições e historicidade para Campina Grande, empreendemos uma investigação que buscar pontuar, alguns dos marcos, sujeitos e lugares presentes na memória coletiva do bairro. Salientando a existência de um forte pertencimento ao local, por parte de seus moradores, destacamos o bairro enquanto a primeira referência destes sujeitos na cidade. É captando tal percepção que se investe em identificar e historicizar alguns dos elementos peculiares a formação do lugar. Fazendo uso de fontes disponíveis nos arquivos do Museu Histórico do bairro de José Pinheiro, tais como o recorte da Revista Tudo de 1986, acompanhada de um conjunto de entrevistas dos moradores do bairro. A pesquisa também fez uso das contribuições lançadas pela plataforma digital Retalhos Históricos de Campina Grande, no qual encontramos disponíveis recortes do Jornal campina de 1953 e o Jornal Diário de Pernambuco, referente ao ano de 1970 os quais nos auxiliaram a ampliar as comparações. Seguindo tais caminhos, a investigação se norteia a partir da comparação das fontes e o uso da metodologia da história oral, ao tomar a narrativa dos moradores do bairro enquanto rastros de memória que revelam percepções de uma cidade do passado. Ao seguir alguns marcos históricos relevantes para memória coletiva do bairro de José Pinheiro destacaram a existência de personalidades e lugares presentes nas memórias de seus moradores, assim como nos escritos jornalísticos locais, como pilares para formação de uma identificação com o local e logo também relevantes para formação da citada identidade.

**Palavras chave:** José Pinheiro. Memória. Pertencimento. Identidade.

---

<sup>1</sup> Graduada em Licenciatura plena em História, pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Aluna do Programa de Pós-graduação em Estudos de História Local: Sociedade, Educação e Cultura.

## RESUMEN

Al visar traer contribuciones para el campo de la historia local, este artículo torna el barrio José Pinheiro, localizado en la Zona Leste en la ciudad de Campina Grande, en la cualidad de objeto de pesquisa histórica. Al buscar problematizar la formación de una identidad local, a partir de las dinámicas que se establecen en el barrio. Dentro del contexto de una ciudad en transformación, el barrio gana fama y notoriedad en la ciudad. Comprendiendo sus contribuciones e historicidad para Campina Grande, emprendemos una investigación que busca puntuar algunos de los marcos, sujetos y hogares presentes en la memoria colectiva del barrio. Destacando la existencia de un fuerte perteneciente local, por parte de sus moradores, y de un barrio en cuanto la primera referencia de los sujetos de la ciudad. Es captando tal percepción que se inviste en identificar e historicizar algunos de los elementos peculiares a la formación del hogar. Haciendo uso de las fuentes disponibles en los archivos del Museo Histórico del barrio de José Pinheiro, como un recorte de la Revista Tudo, de 1986, acompañada de un conjunto de entrevista de los moradores del barrio. La pesquisa también hace uso de las contribuciones lanzadas por la plataforma digital Retalhos Históricos de Campina Grande, en el cual encontramos disponibles recortes del Jornal de Campina de 1953 y el Jornal Diário de Pernambuco, referentes al año de 1970 los cuales nos auxiliaran a ampliar las comparaciones. Al seguir esos caminos, la investigación se nortea a partir de las comparaciones de las fuentes y el uso de metodología de la historia oral, al tomar la narrativa de los moradores del barrio en cuanto los rastros de memorias revelan percepciones de una ciudad del pasado. Algunos marcos históricos relevantes para memoria colectiva del barrio de José Pinheiro destacaran la existencia de las personalidades y hogares presentes en las memorias de sus moradores, Así como en los escritos periodísticos locales, como pilares para la formación de una identidad con el local y también relevantes para la formación de la citada identidad.

**Palabras Clave:** José Pinheiro. Memoria. Pertenencia. Identidad.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>FIGURA 1: José Pinheiro 04 de janeiro de 1970.....</b>	<b>30</b>
---	-----------

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	11
2 O BAIRRO DO JOSÉ PINHEIRO: ENTRE MEMÓRIAS E PERTENCIMENTO .....	13
3 A FORMAÇÃO DE UM LUGAR: ANTES DE JOSÉ PINHEIRO - AS TERRAS DE MARINHEIRA AGRA .....	20
4 HOMEM POR TRÁS DO NOME: JOSÉ PINHEIRO E SUAS SINGULARIDADES ...	26
5 UM BAIRRO CIDADE - ESPAÇOS DE SOCIABILIDADES .....	32
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	36
REFERÊNCIAS .....	38

## 1 INTRODUÇÃO

Ao pensar a história de um local, seja esse um bairro, uma cidade ou uma comunidade, somos constantemente desafiados. Afinal de contas, são muitas as linhas que costuram sua historicidade e demarcam sua identidade. Tais linhas perpassam não apenas grandes estruturas, ligando-se, antes, as peculiaridades, ao mundo da cultura, das práticas e das memórias que dão sentido ao mundo físico, marcando as experiências humanas e, conseqüentemente, a ideia de pertencimento a uma localidade.

Considerando o local como uma teia complexa de relações, memórias e histórias, estabeleceremos ao longo do presente trabalho uma discussão sobre o bairro de José Pinheiro, localizado na Zona Leste da cidade de Campina Grande. Destarte, nos esforçaremos em identificar os elementos construtores de sua identidade, no intuito de compreendermos as singularidades do citado local frente aos demais bairros cidade.

Assim, versaremos sobre o referido bairro tecendo considerações que vão além dos seus espaços físicos, concebendo-o como um local pensado e imaginado por aqueles que o habitam. A saber, seus populares, que encontraram ali uma referência primeira de pátria, pertencimento e nacionalismo<sup>2</sup>. Nesse sentido, entendemos os referidos moradores como agentes produtores daquele espaço. Tais sujeitos, sejam anônimos ou enunciados<sup>3</sup>, ajudaram a costurar a teia de sentidos que dá formas para o local.

Mas, o que forma um lugar? O que o torna especial para os sujeitos que nele habitam se não o conjunto de experiências e memórias que partilham? É no sentido de captar elementos capazes de auxiliar na ideia de pertencimento, tão intensamente presente no bairro do José Pinheiro, que nossa investigação se norteia. Para responder as inquietações acima, buscamos rastros de memórias que compõem a formação do lugar, evidenciando suas dinâmicas, bem como, personalidades que marcam sua história.

No tocante às fontes de que nos valem ao longo desta pesquisa, pontuamos entrevistas disponíveis no museu do bairro<sup>4</sup>, nas quais contamos com depoimentos de diversos agentes da comunidade, principalmente os mais antigos que assumem o papel de

---

<sup>2</sup> Cabe destacar que a ideia de Nacionalismo aqui exposto para exemplificar, as dinâmicas que se estabelecem no bairro de José Pinheiro, não se ligam a uma visão global e totalizante, de valorização das superes estruturas, políticas ou econômicas. Mas antes liga-se as ideias lançadas por Benedict Anderson, para quem a ideia de uma formação nacional alicerça-se antes de mais nada na cultura.

<sup>3</sup> Ao falar em *sujeitos enunciados* nos referimos às figuras já conhecidas que tiveram certo grau de notoriedade na cidade, como é o caso de membros da família Agra e do próprio José Pinheiro, figura que dá nome ao bairro e bastante conhecido no contexto da cidade ao longo do século XX.

<sup>4</sup> O museu do bairro foi um projeto vinculado ao programa mais cultura, desenvolvido pela Secretaria de Educação do Município, em parceria com o governo federal. Coordenado por Giovanna Aquino e lançado no ano de 2016. O museu conta com um rico acervo doado por pelos moradores mais antigos do bairro de José Pinheiro, assim como um acervo digital. O mesmo está localizado na escola municipal Nenzinha Cunha Lima e aberto à visitação.

“memórias vivas” do local. Sob o formato de áudio e vídeo, destacamos tais entrevistas na qualidade de fontes audiovisuais. Utilizamos, ainda, recortes de jornais locais, como é o caso do *Jornal de Campina* do ano de 1953 e do *Jornal Diário de Pernambuco* do ano de 1970, em que podemos identificar entrevistas do Sr. José Pinheiro, homem cujo nome trasladou-se para o bairro, nominando-o. Com isso buscamos identificar como ele é exposto nos jornais locais. Ambas as fontes foram colhidas no Blog *Retalhos Históricos de Campina Grande* (RHCG)<sup>5</sup>. Além dessas, contaremos com o uso de um recorte da *Revista Tudo* do ano de 1986, com uma matéria do memorialista Ronaldo Dinoá.

Fazendo uso das citadas fontes, ambicionamos por trazer nossa modesta contribuição ao campo da História Local que, como todo campo historiográfico, é atravessada por um conjunto de regras, métodos e técnicas de pesquisa que lhe conferem legitimidade. Desta maneira, ao tomar o bairro enquanto objeto de estudo, buscaremos reduzir a escala de análise a fim de captar novos olhares sobre o objeto, de modo a responder as já citadas inquietações sobre a formação de uma identidade local. Para tanto, nos valem das contribuições lançadas pela metodologia da História Oral, a qual nos permite acessar “histórias dentro da própria história”, capturando sentimentos de pertença e rastros de memórias.

Ao tomar o bairro do José Pinheiro na qualidade de objeto histórico, a presente produção justifica-se enquanto um compromisso para com os moradores do referido local. Estes, na qualidade de cidadãos campinenses, criam e recriam seus lugares dentro da cidade, merecendo ter a sua história evidenciada nos escritos históricos locais, sobretudo, se considerarmos a capacidade evidenciada pela perspectiva formadora da História Local, no processo de constituição dos sujeitos, enquanto um modo de dar-se a reconhecer no meio urbano enquanto cidadão.

A presente proposta se faz não apenas como uma vontade particular de dar voz ao passado através das fontes, mas principalmente como um compromisso de cunho acadêmico-social para com o meu lugar dentro da cidade. É justamente desse lugar que escrevo e convido o leitor a conhecê-lo.

---

<sup>5</sup> O RHCG- É uma plataforma digital a qual presta um serviço de utilidade pública, ancorado na lei municipal nº 5096/2011. E que conserva um valioso acervo memorialístico sobre a história de Campina Grande. O blog foi criado por iniciativa de Adriano Araújo e Emmanuel Sousa.

## 2 O BAIRRO DO JOSÉ PINHEIRO: ENTRE MEMÓRIAS E PERTENCIMENTO

A forma que o bairro do José Pinheiro se apresenta aos olhos dos campinenses do século XXI é, notoriamente, distinta daquela de décadas passadas, sobretudo, no que tange aos primeiros anos do século XX, isto é, período que marca o princípio das instalações nessa localidade. Entre as décadas de 1940 e 1960<sup>6</sup>, esse bairro passou por intensas transformações, tal como a cidade de Campina Grande. Revelaram-se mudanças não apenas nas configurações urbanas, mas também no âmbito das dinâmicas e práticas de sociabilidades que se desenrolaram na cidade.

Contando com uma população de aproximadamente 17.048 habitantes, segundo o censo do IBGE<sup>7</sup>, realizado no ano 2000, o bairro do José Pinheiro é considerado um dos mais populosos, dinâmicos e comerciais da cidade de Campina Grande. Oferece espaço de trabalho, comércio, cultura e lazer, atributos esses que o torna afamado no contexto urbano.

Cabe salientar que o mencionado bairro configura-se como um dos mais antigos e tradicionais, considerado por muitos como uma cidade dentro da cidade, conforme se pode observar nas narrativas de seus populares e nos escritos locais. A historiadora Lea Amorim (1999), ao analisar as dinâmicas que se estabeleceram no bairro durante a década de 1970 – período em que se observou um crescimento vertiginoso da cidade, em relação aos anos anteriores – descreve o José Pinheiro da seguinte forma:

Já na década de 1970 o cotidiano do bairro muda; ele vai ser identificado como “cidade dentro de outra”, quando ocorreu crescimento vertiginoso, coincidindo com o próprio crescimento da cidade que por sua vez, correspondia à nível nacional a euforia do período conhecido como o ‘Milagre Brasileiro’ (AMORIM, 1999, p.41- 42).

Ao comportar um conjunto de sociabilidade e historicidade que lhe são peculiares, o bairro do José Pinheiro tem presença garantida na memória local. Em relação à vida cultural campinense, seus espaços destacaram-se no contexto urbano, seja no âmbito dos festejos – públicos ou privados – ou mesmo no que diz respeito ao engajamento social<sup>8</sup>. Através de personalidades que deixaram suas marcas na memória do lugar, a exemplo do

<sup>6</sup> O período de 1940 e 1960, foi excepcionalmente prodigo, com elevado volume de exportação de algodão. Foi notável a formação de grandes fortunas, o que determinou uma expansão urbana vertiginosa. No início da década de 60, a cidade tem 21.640 prédios e mais de 70 ruas pavimentadas. Neste período já estavam definidos oficialmente os seguintes bairros: Liberdade, José Pinheiro, Prata, Bela Vista, Monte Santo, São José, Monte Castelo, Moita, Casa de Pedra, Conceição, Prado, Catolé, Palmeiras, Quarenta, Santo Antônio, alto branco, Bodocongó, Cruzeiro e três irmãs. (RIBEIRO, 1999, p. 20).

<sup>7</sup> Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

<sup>8</sup> Acerca deste engajamento destaca-se a presença ativa da comunidade para formação do Círculo Operário, um dos primeiros formados na cidade, criado ainda em 1948 e a contar com presença ativa na comunidade. Foi justamente através das reuniões organizadas no Círculo Operário em parceria com a SAB que os moradores reivindicavam os seus direitos a luz, água, educação e saúde.

próprio José Pinheiro, morador que deu nome ao bairro, identificamos uma ampliação dos sentidos e memórias sobre o local.

É nas “marcas” da presença desses sujeitos na cidade e por meio da observação dos modos com que se apropriaram dos espaços, construindo assim os seus próprios lugares, que percebemos a cidade enquanto um território diverso e complexo; dotado de práticas e memórias que fornecem novas dimensões sobre o local. Assim, o bairro do José Pinheiro tem lugar na memória dos sujeitos que fabricam e dotam de próprios sentidos o espaço urbano.

Desse modo, a cidade e o bairro são articulados através das práticas, escritos em memória. Tal memória fornece bases para construção de uma identidade local, mas ainda assim, deve ser vista conforme aponta Albuquerque (1994), isto é, como um fragmento do passado e não enquanto o caráter de verdade em si, prestes a ser habitado.

Ao analisarmos o bairro do José Pinheiro, observa-se que o campo das práticas e da cultura se configura como essenciais para a construção do “lugar”, assim como todo um conjunto de memórias, as quais cercam personalidades, acontecimentos e espaços nos quais os moradores reconhecem-lhes enquanto parte do lugar na cidade. Através das memórias, os cidadãos costuram a teia de sentidos de um local, carregando em suas lembranças resquícios de uma cidade do passado, refletindo-se, assim na imagem que se tem do bairro na cidade e logo se pretende eternizar.

Adentrando o campo das *memórias fortes*<sup>9</sup>, a respeito do bairro do José Pinheiro, identificamos o seu dinamismo comercial, como um dos principais fatores que o evidencia na cidade de Campina Grande. Conforme observa Diniz (2004), foi justamente a partir da concentração de pequenos estabelecimentos de comércio que o bairro do José Pinheiro se sobressaiu em relação às demais localidades.

Outrossim, seus moradores não necessitavam deslocar-se até o centro para usufruir do comércio, tendo em vista que o bairro José Pinheiro despontou com um certo grau de autonomia em relação ao comércio central, resultando-se como um bairro que “tudo tem”, tal referência é recorrentemente usada por seus moradores, de modo a evidenciá-lo diante das demais localidades. Vejamos a seguir o depoimento do Sr. Carlos Antônio Mota, morador do bairro, concedida ao documentário *Zepa: O Bairro-cidade*<sup>10</sup>:

---

<sup>9</sup> A ideia de memória forte aqui manifesta, busca por exemplificar as memórias que criaram marcas sólidas no local, as quais vem a reforçar sentimentos de origem, historicidade e pertencimento. No sentido de dizer que estas são mais exercitadas pelos sujeitos. Situação que não as torna, superior, mas antes mais enunciadas.

<sup>10</sup> O documentário “ZEPA: o bairro cidade” encontra-se disponível em domínio público na plataforma digital do Youtube, assim como nos arquivos do Museu da comunidade do bairro de José Pinheiro. Produzido com o apoio da Facisa, postado no ano de 2015. Conta com a participação dos depoimentos do professor Cardjin Alves, o qual este diretamente engajado no processo de formação do museu da comunidade

Eu definiria o bairro de José Pinheiro como sendo o amor de Campina. Porque foi um bairro que deu muito a campina Grande, praticamente o comercio desenvolveu por conta de José Pinheiro. Você não vê na história dos bairros de Campina Grande, nenhum bairro que tenha a força comercial, a força do trabalho que tem o bairro de José Pinheiro. A gente tem indústria do calçado, indústria de alimentação as primeiras indústrias de Campina Grande, nasceram em José Pinheiro que eram as fábricas de doce, doce de goiaba, doce de banana... Ao redor da Rua Campos Sales era cheio de fabricas de fundo de quintal. (...) O bairro cresceu, tanto comercialmente como industrialmente, em nenhum outro bairro você vê o comercio e a indústria que você vê em José Pinheiro. (Carlos Antônio Mota, em entrevista concedida ao documentário ZEPa: O bairro cidade, 2016. Disponível no acervo digital de áudio e vídeo do Museu do bairro de José Pinheiro. Acessado em 11 de maio de 2020).

Ao longo da fala do referido morador, nota-se uma clara defesa e exaltação do bairro. Ao defini-lo como “o amor de Campina”, o Sr. Carlos Antônio Mota, enfatiza seu “valor” como parte integrante da cidade e ao mesmo tempo manifesta comparação com os demais bairros. Neste ponto cabe ressaltar uma clara ligação ao próprio discurso que se construiu paracidade de Campina Grande, posto que enquanto cidade desenvolvida, voltada ao comércio e à indústria, muitos moradores afirmam que o desenvolvimento de Campina Grande se deve às contribuições do bairro do “Zé Pinheiro”<sup>11</sup>, logo defendem a valorização de suas memórias, as quais, segundo estes, merecem ser resguardadas.

Temos, como exemplo, a fala da coordenadora do projeto O Museu do Bairro<sup>12</sup>, Giovanna Aquino<sup>13</sup>, que em entrevista ao blog jornalístico de Renato Diniz, no ano de 2016, reconhece a relevância de salvaguardar as memórias do bairro de José Pinheiro:

Registrar as memórias do bairro de José Pinheiro é salvaguardar não apenas lembranças de um passado distante, mas, principalmente, manter viva a contribuição que esta comunidade concedeu, e ainda concede, para o desenvolvimento cultural, social e econômico de Campina Grande. (Giovanna Aquino, em entrevista concedida ao jornalista Renato Diniz, novembro de 2016. Disponível em: <<https://www.renatodiniz.com/2016/11/escola-municipal-nenzinha-cunha-lima.html>>. Acessado em 11 de maio de 2020, às 23:00).

No que diz respeito às memórias do bairro do José Pinheiro, registradas pelo projeto Museu do Bairro, constata-se uma variedade de arquivos dispostos ao longo de quatro acervos, de ordem audiovisual, bibliográfico, fotográfico e musical. Nestes arquivos, memórias individuais entram em cena, fornecendo-nos dimensões do bairro e da cidade do

---

e o contador Carlos Antônio Mota, ambos residentes do bairro de José Pinheiro.

<sup>11</sup> Essa e é apenas mais uma das muitas formas de se nomear popularmente o bairro e que logo nota-se no discurso dos moradores locais.

<sup>12</sup> Ao longo deste projeto buscou-se por constituir um lugar para as memórias do bairro de José Pinheiro. De modo que se entende a sua relevância para constituição das identidades locais e para formação dos sujeitos enquanto cidadãos.

<sup>13</sup> Giovanna Aquino, foi coordenadora do projeto o Museu da comunidade de Jose Pinheiro, iniciado no ano de 2016.

passado.

Tomemos como exemplo, a fala do Sr. Carlos Antônio Mota, em entrevista concedida ao documentário ZEPA: O bairro cidade, no ano 2016. Disponível no acervo audiovisual do Museu do bairro de José Pinheiro. Através do seguinte trecho o morador reforça:

É uma cidade dentro de Campina Grande, não tem como negar e a população de Campina Grande deveria conhecer o bairro de José Pinheiro para tirar essa imagem de um bairro violento, de um bairro que não presta, porque não é verdade. O bairro é bom. Existe marginal, existe como existe em qualquer bairro. Mas o bairro é bom de se morar” (Carlos Antônio Mota, em entrevista concedida ao documentário ZEPA: O bairro cidade, 2016. Disponível no acervo digital de áudio e vídeo do Museu do bairro de José Pinheiro. Acessado em 11 de maio de 2020).

Ao longo da explicação do referido morador, notamos certo incômodo com o não conhecimento – por parte dos demais habitantes da cidade de Campina Grande – do reconhecimento do bairro, enquanto um lugar “bom de se morar”. Assim, Carlos Antônio Mota atenta-nos a necessidade de superação da visão pejorativa do bairro em questão, de modo a identificar outros aspectos peculiares ao lugar. Detectar tais percepções nos ajuda a analisar de que forma os sujeitos se identificam na cidade, bem como desejam o reconhecimento de suas contribuições, de modo a dignificar o seu lugar.

É a partir da ideia de valorização desse bairro, enquanto parte integrante da cidade que os sujeitos demarcam seu pertencimento. Situação que nos instiga a leitura do lugar, em harmonia com as perspectivas apontadas por Callai (2004), para quem o lugar é um espaço construído, resultante da vida das pessoas que o produzem, dos diferentes grupos que nele habitam e, portanto, cheio de histórias, com marcas que trazem em si um pouco de cada um.

Nesse sentido, voltamos a ressaltar a importância da memória para a construção do sentimento de identidade. Para tanto, evidenciamos a presença de um sentimento “irmão” daquele – o pertencimento – nas linhas de escritos locais. Trata-se do caso do Samba Enredo da Escola Bambas do Ritmo<sup>14</sup>, intitulado *Ontem e hoje, sempre Zepa*:

Sempre foi palco de alegria. De encontros e felicidade. De muito talento e euforia. A cidade dentro da cidade. / Com carinho chamado Zepa. De Zé Pinheiro e velhos carnavais. Do pastoril e do palhaço Parafuso. E dos movimentos culturais. / Desde a difusora de Gaúcho Marchinhas e quadrilhas de São João. Do Flamengo e do Campinense. Cleber eternamente campeão. / Os bailes, forros e gafieiras. As lembranças de tempos atrás. Esquecer jamais. /

<sup>14</sup> A escola de samba bambas do ritmo foi fundada em janeiro de 1967. Sendo uma das primeiras escolas de samba da cidade de Campina Grande é vista como uma escola de tradição. E de grande valor simbólico para os moradores do bairro de José Pinheiro, tendo em vista que foi fundada pelos seus esforços particulares. Com a Escola de Samba Bambas do Ritmo, bairro obteve destaque nos antigos carnavais campinenses, ao alcançar por quinze vezes o título de campeã do carnaval de rua da cidade.

Com bambas do ritmo eu vou. Ontem, hoje, sempre Zepa sou. (Samba enredo Ontem e hoje, sempre Zepa, 2004. Apud. SILVA, (S/D), p. 45)

Percebemos, na letra do Samba Enredo acima disposta, memórias de um bairro festeiro e festejado, cujos moradores se apropriam do termo “Zepa” – cunhado pejorativamente pelos habitantes das demais localidades da cidade de Campina Grande – mas, convertendo-se num apelido carinhoso, íntimo e singular. É possível identificar, ainda na canção pontos-chaves da memória coletiva do bairro, nas quais se inscreve retalhos de sua história. Anunciado como “a cidade dentro da cidade”, “palco da alegria”, o bairro do José Pinheiro vai sendo adjetivado positivamente por seus moradores, permeando o imaginário local.

Desta maneira, observa-se também, que, além da existência de um discurso de um bairro de trabalhadores<sup>15</sup>, voltado para o comércio e populoso no contexto da cidade – conforme já mencionado – ao longo do Samba Enredo “*Ontem e hoje, sempre Zepa*”, o bairro do José Pinheiro é apresentado como de um lugar específico, palco da cultura e da alegria. Desse modo, a dinâmica do lugar indica que os moradores não apenas o habitam, mas o criam discursivamente por meio de suas práticas.

Assim, a questão do pertencimento é exposta em sua oralidade<sup>16</sup>, alicerçada nas memórias e manifestada nas posturas assumidas pelos cidadãos do bairro. Acerca destas memórias, destaquemos o depoimento concedido ao Museu do bairro, disponíveis em formato digital, da moradora Fátima Ribeiro que, ao se referir ao bairro, diz o seguinte:

José Pinheiro foi uma comunidade que eu amei, que eu abracei e que tenho muitas lembranças (...) Era muito gostoso de se viver no José Pinheiro e continua sendo, porque aquilo que a gente ama, a gente gosta, a gente abraça de coração. Fico com saudades de muitas coisas que se foram. (...) E falar de uma coisa que tenho muito prazer é a escola de Samba Bambas do Ritmo, fazem 30 anos que, eu pertenço a esta escola, hoje madrinha dela, faço parte da diretoria. (...) Fico o ano todinho pensando, em chegar o carnaval para sair na avenida, sair no bairro de José Pinheiro, atravessar a rua Campos Sales, juntamente com todos da escola. Com minha galera toda do Zepa atrás. Para mim é uma grande emoção. Eu não sei como eu seria se eu não tivesse conhecido e abraçado essa comunidade de Zé Pinheiro (Fatima Ribeiro, em entrevista concedida ao Projeto o museu do bairro de José Pinheiro, 2016. Disponível no acervo digital de áudio e vídeo. Acessado em 11 de maio de 2020).

<sup>15</sup> Refletindo esta concentração dos estabelecimentos fabris havia um conseqüente adensamento de operários por tipo de indústria em determinados bairros. Os que trabalhavam nos curtumes residiam em sua grande maioria nos bairros de Bodocongó, Bela Vista e Monte Santo, já os que se ocupavam nas indústrias de beneficiamento de algodão e sisal moravam prioritariamente em José Pinheiro e Liberdade. (SOUZA, 2002, p. 35)

<sup>16</sup> “A História oral permite o registro de testemunhos e o acesso a histórias dentro da história ‘e, dessa forma, amplia as possibilidades de interpretação do passado”. (ALBERTI, 2010, p. 155)

No decorrer de sua fala, a Sra. Fatima Ribeiro demonstra uma memória afetiva para com o bairro do José Pinheiro. Reconhecendo seu “amor” pela comunidade e para com a Escola de Samba Bambas do Ritmo, exaltando o seu pertencimento ao local, deixa revelar a representatividade cultural deste para a cidade. Embora a moradora não apresente uma data fixa para as lembranças que se refere, por meio de sua fala atesta-se memórias afetivas lançadas ao bairro, assim como uma dada satisfação em “abraçar” a comunidade.

A despeito da existência dessas fortes e positivas memórias sobre o bairro do José Pinheiro, pontuamos a existência de memórias que abrangem acontecimentos não tão felizes, a exemplo da tragédia da quermesse natalina de 1974<sup>17</sup>. Tal acontecimento marcou tragicamente a memória coletiva<sup>18</sup> não apenas dos moradores do bairro, mas de toda cidade de Campina Grande que ao vestir o luto, estampou as capas dos jornais locais<sup>19</sup> e foi notícia em veículos de circulação nacional<sup>20</sup>. Contudo tal acontecimento nem sempre é mencionado por seus moradores, o que nos leva a identificar um verdadeiro silenciamento e seletividade da memória.

Além da partilha da “identidade campinense”, os moradores constroem, dentro da própria cidade, outros lugares, reclamando seu reconhecimento, memórias e historicidade. Assim, nos deparamos com diversos elementos que compõem a identidade destes enquanto “Josepinherenses”.

Desse modo, o referido bairro surge como um espaço imaginado<sup>21</sup> tanto pelos de “dentro”, isto é, pertencentes ao bairro; como pelos de fora, a saber, os demais habitantes da cidade. Tal afirmativa é perceptível, sobretudo, nos relatos de seus moradores, cuja identificação com o lugar está intimamente ligada às experiências partilhadas, as quais são costuradas por linhas de memórias em comum que, pouco a pouco, costuraram a identidade local.

Assim, pontuamos que a memória local assume papel fundante, visto que não é somente fazer lembrar, mas possuir uma força criadora, produtora de significados e lugares

<sup>17</sup> A tragédia na quermesse natalina de 1974 qualifica-se como uma das memórias amargas da cidade de Campina Grande. Em virtude da explosão, de um cilindro de oxigênio, durante o festejo de natalino organizado no bairro de José Pinheiro. Ao ser mal manipulado por um dos vendedores ambulantes, o qual vendia bolas de assombro, explodiu causando um imenso estrago. Nesta ocasião 12 crianças morreram e vários moradores da cidade saíram feridos. Acerca de tal acontecimento trágico e traumático, destaca-se o trabalho de pesquisa monográfica intitulado: Enredando Memórias: O bairro de José Pinheiro e a tragédia de 1974 de ALMEIDA 2018.

<sup>18</sup> Acerca do conceito de memória coletiva, cabe destacar, conforme Halbwachs (1990), que a memória coletiva é uma construção que parte de diversos grupos, que por sua vez comporta o seu tempo, sua lógica e as suas especificidades, tendo a capacidade de retroceder no passado o faz dentro de certos limites desse ou daquele grupo, de modo que um acontecimento ganha relevância para o coletivo a medida que repercute de modo individual mas também coletivo, seria o modo como este repercute um ponto de encontro entre tais grupos.

<sup>19</sup> O jornal local “O Diário da Borborema” fez todo o acompanhamento da tragédia, repercutindo a ocorrência durante semanas na cidade.

<sup>20</sup> O acontecimento repercutiu em veículos de circulação nacional como o jornal Folha de São Paulo. Disponível na plataforma digital do RHCG digitalizado.

<sup>21</sup> Nesse sentido cabe destacar tal como enfatizará Lilia Moritz Schwarcz: “Mais que inventadas, as nações são imaginadas, no sentido de que fazem sentido para a alma e constituem objetos de desejos e projeções” (p.10)

de fala. Além de denunciar o passado, a memória revela fragmentos do que se deseja ser lembrando. Desse modo, acontecimentos, lugares e personalidades são evocados no sentido de constituir as linhas que compõem o pertencimento ao bairro, referência primeiros para os sujeitos dentro da cidade.

### 3 A FORMAÇÃO DE UM LUGAR: ANTES DE JOSÉ PINHEIRO - AS TERRAS DE MARINHEIRA AGRA

Até aqui ensaiamos uma narrativa que evidencia que o José Pinheiro, enquanto bairro configura-se como uma criação dos sujeitos que nele habitam. Nesse sentido, a princípio, o sentimento de pertença, discutido anteriormente, não existia, o que implica dizer que a noção de identidade não é algo natural, mas uma ideia forjada, que assume contornos à medida que o local vai sendo praticado e dinamizado.

Neste tópico, concentrar-nos-emos em historicizar o território no qual, hoje, insere-se o bairro do José Pinheiro. Para tanto, faz-se necessário voltar nossos olhos para um tempo em que o processo de modernização em Campina Grande não tinha ainda assumido o seu pleno estágio, mas se consolidava como uma cidade voltada ao comércio do algodão. Assim, traremos em destaque um lugar ainda não batizado com o conhecido nome dentro da cidade, evocando nomenclaturas de quando o bairro ainda não existia.

Ao examinarmos os caminhos que levam à formação do bairro do José Pinheiro, somos também instigados a observar os passos dados pela própria cidade que, desde os primeiros anos de século XX, usufruía de destaque e influência no cenário local. Sousa (2006), assevera que entre as décadas de 1910 e 1920 a cidade de Campina Grande experimentou grandes mudanças, tanto em suas formas de deslocamento, quanto em relação aos costumes e usos dos lugares.

Crescendo e ganhando vida, a referida cidade passou a comportar bairros que se estendiam para além do centro da cidade, os quais ficavam muitas vezes largados à própria sorte. Dentre os bairros existentes no período constam: o Bairro do Açude Velho, Areias, São José e Piabas, os quais foram condensados e deram lugar a novos bairros. Conforme observa Ribeiro (1999):

Do ano de 1907 à 1918, ano do advento do automóvel, registrou-se um aumento de 731 para 1841 prédios. Campina Grande, já conta, então, além do centro, com os bairros do Açude Velho, areias, São José e Piabas (O antigo bairro de Piabas, hoje se inclui na parte central da cidade), a partir desse ano, vão se adensando os bairros existentes e surgindo novos. (RIBEIRO, 1999, p. 18)

De acordo com Amorim (1999), no princípio o local onde hoje se concentra o bairro do José Pinheiro, era então denominado de Bairro do Açude Velho<sup>22</sup>. E surgindo

---

<sup>22</sup> Desde os primórdios o Açude Velho, constituiu importante bem natural para cidade de Campina Grande. Conforme atesta Amorim (1999), no período aqui mencionado, por volta de 1910, este bem natural ainda gozava de amplas dimensões, chegando até as imediações onde hoje

enquanto uma região agrária se desenvolveu lado a lado com cidade. Iniciando sua história por fins da década de 1910, como consta a seguir:

O bairro conhecido na atualidade com o nome de José Pinheiro, inicia sua história nos fins da década de 1910 nas imediações do Açude Velho, zona leste da cidade, distando do centro da mesma, cerca de 2km. Neste período, o açude ocupava extensa área e a distância de suas margens, vai se originar o bairro em estudo (...) (AMORIM, 1999, p.33)

Segundo Amorim (1999), as terras onde o José Pinheiro se localiza pertenceram ao Sr. Chico Aprígio que, pela quantia de 3.000\$000 (três contos de réis), vendeu 15 hectares de sua propriedade a um casal de agropecuaristas: Sr. José Dantas de Assis e sua esposa Maria Francisca Agra Dantas, popularmente conhecida como Marinheira Agra “<sup>23</sup>. Assim, o referido casal se configura como os primeiros moradores do local em questão. Nesta época era uma região de mato e bastante alagada.

De acordo com Amorim (1999), ao dispor da posse do terreno, José Dantas e Marinheira Agra rapidamente fixaram residência no local, desenvolvendo nos arredores de sua casa atividades ligadas à criação de animais, como também investiram na plantação de frutas e verduras. Tal iniciativa serviu tanto para o abastecimento doméstico, como para o desenvolvimento de um pequeno comércio nas imediações do território.

“No desenvolver da década de 1920, toda região em volta do minifúndio, explorada, passou a ser abastecida com os mais diversos produtos fornecidos pelo casal que desenvolvia aquele comércio pela nascente do bairro que se estendia para além da nascente das piabas”. (AMORIM, 1999, p.35)

O desenvolvimento da atividade comercial, somada a presença de cacimbas de água doce, permitiu que José Dantas e Marinheira Agra imprimissem suas primeiras marcas de referência na cidade. Nesse sentido, a mais antiga Rua do José Pinheiro foi criada por uma iniciativa particular do casal. Conhecido atualmente como Rua Campos Sales<sup>24</sup>, o primeiro arruado – território fértil e promissor – contava com um mini comércio.

Especialmente entre os anos finais da década de 1920 e durante a década de 1930, as terras de Marinheira Agra<sup>25</sup> se tornaram afamadas no contexto da cidade em decorrência

---

denomina-se bairro do José Pinheiro.

<sup>23</sup> Filha de Bento da Costa Agra e Francisca Maria Agra De Sousa Campos, “Marinheira Agra”, nasce na fazenda Tanques Grandes anexada a fazenda Pau do ferro. Sendo proveniente de uma tradicional família local, os Agra. Ao mudar-se com o seu esposo para as terras no Bairro do Açude Velho, exerceu de grande influência, ganhando respeito na localidade. Assumindo o título de grande bem feitora local.

<sup>24</sup> Atualmente a Rua Campos Sales destaca-se como uma das ruas mais extensas e dinâmicas da cidade de Campina Grande, consolidando-se para os moradores do bairro, bem como, os demais habitantes da cidade, como ponto de referência, palco de encontros, negócios e divertimentos. Com o tempo tornou-se afamada no contexto da cidade.

<sup>25</sup> No final da década de 1920, em especial no ano de 1926, Marinheira Agra assume as rédeas dos negócios da família, em razão do falecimento de seu marido.

do crescimento populacional de Campina Grande, o que ensejou a instalação de novos sujeitos naquela localidade. Diante da chegada de novos habitantes, a viúva, Marinheira Agra, decidiu aforar lotes de suas terras para pessoas de diferentes grupos sociais, mas em sua maioria humildes e de poucas posses.

Tal ação fez com que a – já afamada – Marinheira Agra ganhasse ainda mais prestígio e respeito naquela localidade. Em matéria publicada na *Revista Tudo*<sup>26</sup>, Ronaldo Dinoá<sup>27</sup> afirma: “Viúva, continua a incentivar o desenvolvimento da localidade e a prestar serviço e favores aos que deles necessitavam, seu prestígio crescia, enquanto o Bairro do Açude Velho se desenvolvia.” (REVISTA TUDO, Campina Grande, 1986, p. 3).

Conforme ressaltamos, o lugar de poder e memória marcada por Marinheira Agra no Bairro do Açude Velho estava ligado a terra, mas, principalmente, aos favores prestados aos populares. Desse modo, as dinâmicas cotidianas, pouco a pouco, davam forma ao lugar que, mesmo sendo em grande parte agrária, já contava com alguns arruados.

Se Marinheira Agra já dispunha de prestígio, por parte de seus empregados e familiares antes de aforar as terras, depois disso, passa a ser vista como grande benfeitora local. Nas linhas de memória que são construídas para o lugar, a figura da proprietária em questão salta aos olhos. Percebemos, assim, que historicizar a construção do bairro não pode ser um exercício dissociado da identificação dos primeiros agentes ali instalados, até hoje presentes na memória de alguns moradores que o habitam.

Na memória local, a referida senhora é descrita não apenas como uma dona de casa prendada. São atribuídas a ela as qualidades da benfeitoria, valentia e inteligência. Tais adjetivações são “sugeridas” na fala de moradores do Bairro do José Pinheiro, como é o caso da Sr. Aliete Rodrigues Viana que, em entrevista concedida ao projeto Museu do bairro, cita em gravação:

[...] Eu sou bisneta de Marinheira Agra, sendo do coração, porque o meu avô não era filho legítimo, era sobrinho, mas foi criado por Marinheira Agra. Então mamãe foi criada por Marinheira Agra e mamãe teve um laço muito grande com ela. Foi uma pessoa que ela amou muito na vida dela. Contava muita história bonita de Marinheira. Marinheira era muito cozinheira, muito do lar, porém, muito valente, esse adjetivo que não pode ser esquecido. Assim, com os funcionários né! As vezes era preciso até dar uma batidinha neles, porque ela lutava muito, o esposo quase não resolvia nada, quem resolvia era ela. Uma mulher valente, inteligente e tudo enfim [...] (Aliete Rodrigues Viana, em entrevista disponível no acervo digital do Museu do bairro de José Pinheiro. 2016)

<sup>26</sup> A Revista Tudo era um encarte do Jornal o Diário da Borborema a qual funcionou até aproximadamente o início dos anos de 1990. A citada fonte encontra-se no acervo bibliográfico, do Museu da Comunidade do bairro de José Pinheiro. E trata-se de uma reportagem de Ronaldo Dinoá- representado pela sigla- RD. Que aborda sobre personalidades marcantes para história do bairro.

<sup>27</sup> Ronaldo Dinoá foi um Memorialista e cronista local, escreveu para os Diários Associados entre os anos de 1977 a 99. Colaborando com os jornais do Estado, escreveu "fragmentos" históricos de Campina Grande.

Percebemos no trecho acima disposto uma narrativa dotada de afetividade. Assim, ao relembrar passagens que sua mãe lhe contava sobre Marinheira Agra, a entrevistada não cessa de atribuir adjetivos à bisavó “de coração”. De acordo com sua fala, esta figura reunia em sua personalidade uma série de qualidades que, a certa altura colocava-se em posição superior ao marido, José Dantas.

A respeito da figura de Marinheira Agra e as primeiras linhas de memória que se ensaiam sobre o lugar, voltamos a ressaltar que nesse período não havia, ainda, a ideia de uma identidade de bairro, haja vista, que o território agrário estava atado a um domínio familiar. A princípio, ligado à figura de Marinheira Agra e, posteriormente, aos demais membros de sua família, a exemplo de seu irmão Pedro da Costa Agra, outro benfeitor local.

Segundo o memorialista Ronaldo Dinoá<sup>28</sup>, Marinheira Agra faleceu no ano de 1938, deixando para os seus irmãos todos os seus bens e propriedades. O mais conhecido e beneficiado pela herança foi Pedro da Costa Agra, que também imprimiu suas marcas na memória coletiva do bairro e da cidade, consolidando-se como benfeitor, sobretudo, entre os finais da década de 1940 a 1950. Ao comprar as partes dos demais irmãos, Pedro da Costa Agra cuidou em fixar residência e desenvolver seus negócios no bairro, que na época já contava com uma grande população no contexto urbano.

Nos anos finais da década de 1930 e 1940 o cotidiano no bairro mudou, acompanhando o ritmo da própria cidade que, passara por um intenso processo de modernização e urbanização de suas vias centrais. Durante aquele período, a palavra de ordem na cidade de Campina Grande era ditada pelos impulsos modernos, chefiados pelo então prefeito Vergniaud Wanderley, que prezava, sobremaneira, pelo embelezamento do espaço urbano. Tal apreço, todavia, era marcado por uma seletividade, bairros como o Açude Velho –já popularmente conhecido como bairro do José Pinheiro<sup>29</sup> – não chegaram a ser contemplados de imediato com as benesses do moderno<sup>30</sup>. Logo os principais beneficiados pelo projeto de reformulação urbanística na cidade, foram às regiões centrais, bairros como o bairro do São José e o bairro da Prata, sofreram os primeiros impactos da reforma urbana campinenses, a qual cabe destacar não se restringiu apenas a uma reestruturação dos espaços, mas logo também a todo um conjunto de normas que visa por “ordenar” os modos de viver e estar na cidade.

<sup>28</sup> *Revista Tudo*, Campina Grande, 1986, p 03.

<sup>29</sup> Em razão da crescente popularidade de um desse seus moradores, o S. José Pinheiro, conhecido como “curandeiro” na cidade. Na linguagem popular o bairro passa a ser chamado de José Pinheiro.

<sup>30</sup> Segundo Amorim (1999), durante este período o bairro de José Pinheiro ainda não contava com serviços básicos de luz elétrica ou água encanada. Situação que só seria alterada em anos posteriores, durante a década de 1960.

Acerca deste processo de reformulação dos espaços campinenses, cabe observar não apenas a citada seletividade, mas também salientar as contradições de uma cidade em transformação. Acerca do processo de reforma urbanística da cidade de Campina Grande, Sousa (2006) enfatiza a ligação de tais reformulações locais, com as aspirações lançadas a um nível nacional para outras cidades brasileiras, visando o tão almejado progresso.

Dentro de uma cidade em transformação, o bairro em questão se configurou como uma alternativa de habitação para os sujeitos expulsos das ruas centrais da cidade, desenvolvendo-se, a própria sorte. Amorim (1999) pontua que o José Pinheiro se fez sem qualquer planejamento urbano, contando com mais e mais habitantes entre as décadas de 1940 e 1950, surgiu na cidade como um dos bairros populosos.

É no contexto de uma Campina Grande em transformação que Pedro da Costa Agra loteia os terrenos de que dispunha naquele território, doando alguns deles para a construção de novos espaços de sociabilidades dentro do bairro, dentre eles a Paróquia de São José, o Ciclo Operário e posteriormente a Praça Joana D'arc. Nesse momento, já notamos um bairro mais dinâmico. A contar com sujeitos que através desses espaços costuraram suas sociabilidades e reivindicaram seus direitos enquanto cidadãos da cidade.

A respeito das doações efetuadas por Pedro da Costa Agra, a Sra. Marlice Agra, sua filha e herdeira, em entrevista gravada ao projeto do Museu do Bairro, defende que o desejo de seu pai ao fazer as doações, era promover o bairro do José Pinheiro, “dar valor ao local”. No entanto, nem sempre obtivera o reconhecimento esperado pela família, principalmente por parte dos poderes públicos. Esse foi o caso da doação efetuada para prefeitura para construção da primeira praça no bairro. Acerca de tal episódio a Sra. Marlice Agra, descreve:

[...] A praça foi William Arruda! Ele veio até pai e falou esse terreno para uma praça. Pai achou o máximo! Queria dar valor a Zé pinheiro, então pai deu o terreno! Deu mesmo, não vendeu a prefeitura. E a gente sempre pensava que ele ia colocar o nome de meu pai. Mas ele não colocou. Colocou foi joana D'arc, o nome da esposa dele. Também ele não ligou, então deixa pra lá! [...] (Marlice Agra, em entrevista disponível no acervo digital do Museu do bairro de José Pinheiro. 2016)

Através da fala da Sra. Marlice Agra é possível perceber certo incômodo, com o não reconhecimento do seu pai por parte dos poderes públicos, ao nomearem a praça. Tal situação nos leva a uma reflexão sobre a existência de uma disputa de memórias quando se trata da nomeação dos espaços públicos. Embora não tenha emprestado seu nome à primeira praça do bairro, Pedro da Costa Agra e sua irmã Marinheira Agra eternizaram-se na

memória, posteriormente, em nomes de ruas que se cruzam nos traçados da cidade.

No caso da praça, o nome foi dado por uma instituição, ou melhor, por William Arruda, segundo Marlice Agra. Já no que tange ao bairro do José Pinheiro, nota-se que a denominação do local surge enquanto prática, isto é, “coroadado pelo povo” da cidade de Campina Grande. Sabendo que as palavras não são feitas unicamente para dizer e que também demarcam lugares de poder, ela também fala de pertencimento e memória, uma das peculiaridades da formação do bairro do José Pinheiro, é o próprio nome dado ao local – nome de homem- eternizado pelos populares que dotam o espaço urbano de sentido. É justamente a essa particularidade que dedicaremos às linhas seguintes.

#### 4 HOMEM POR TRÁS DO NOME: JOSÉ PINHEIRO E SUAS SINGULARIDADES

Ao analisarmos a formação do bairro do José Pinheiro, cabe destacar que muitas são as linhas que conduzem a elaboração de sua identidade de bairro. Dentro de tal perspectiva, memórias coletivas e individuais entram em cena, demarcando o pertencimento que tanto é exalado por seus moradores. Dentre estas linhas de memórias que costumam o pertencimento ao local, cabe destacar o próprio nome “dado” ao lugar, o qual se configura como uma de suas primeiras peculiaridades. Sendo assim, conforme exposto em linhas anteriores, o diferencial do bairro é enunciado desde o nome. À medida que este é consagrado pelos habitantes da cidade e não prontamente instituído pelo poder público<sup>31</sup>, o local exhibe e constrói sua almejada identidade.

Ao comportar nome de um homem, o bairro do José Pinheiro manifesta-se desde o princípio a sua tradição popular, fazendo-nos refletir sobre a presença dos sujeitos na cidade, no que tange ao consumo e apropriação dos espaços para construção de seus lugares. Desta forma, observa-se que a força da “prática”, a palavra dita e enunciada também instaura lugares de fala, memória e pertencimento à medida que o nome do bairro é subvertido por seus moradores, centrando-se em um único personagem.

De Bairro do Açude velho para bairro do José Pinheiro, o local ganha fama e forma, faces e “entraves” no que se refere à memória local. Tal como analisaremos nas linhas seguintes, a personalidade do Sr. José Pinheiro se torna marcante para a formulação da identidade do bairro, que por vezes confunde-se com as feições que são atribuídas ao local.

É justamente a partir da análise da figura de José Pinheiro, o homem por trás do nome, que podemos identificar a ação dos “sujeitos comuns” na formação do espaço urbano campinense. Através de suas práticas e do prestígio que dispôs junto aos demais moradores, o Sr. José Pinheiro ganhou lugar na memória, ao eternizar o seu nome para o local, escapando do esquecimento.

Despertando curiosidade, tanto em sua época como em tempos presentes, o Sr. José Pinheiro dispôs de grande popularidade na cidade de Campina Grande. Ao chegar às terras pertencentes à Marinheira Agra, por volta do ano de 1927, fixou residência na Rua Campos Sales, instalando ali uma pequena bodega, a qual se tornou um ponto de referência na cidade.

---

<sup>31</sup> No que refere-se a presença do poder público na elaboração do bairro de José Pinheiro, nota-se que em princípio este não se fez efetivamente presente. Desta maneira, tal como em outras partes da cidade de Campina Grande, o bairro desenvolveu-se a própria sorte contando com a iniciativa de seus moradores, a medida que estes passam por habitar o lugar, dinamizar os seus espaços e constituir sua rede de sociabilidades.

O próprio José Pinheiro explica, em entrevista ao Jornal de Campina<sup>32</sup>, em 06 de setembro de 1953, que tem como título: “José Pinheiro, O HOMEM QUE FUNDOU UM BAIRRO”, a sua instalação na cidade, a qual se deu em um período em que o local ainda não assumia feições urbanas, contando com poucos recursos e algumas poucas casas.

Com base na reportagem feita por Noaldo Dantas, o Sr. José Pinheiro é claramente anunciado como fundador do bairro. Inclusive, o título da reportagem evidencia este prestígio, conforme podemos identificar no trecho a seguir, ele próprio reconhece tal predileção por parte dos moradores:

O bairro de José Pinheiro é um dos mais progressista da cidade. E como surgiu? Em 1927 eu cheguei aqui. Comprei, inicialmente, uma bodeguinha a um meu irmão. Havia umas poucas casas. Foi assim que o fundador do bairro que tem o seu nome iniciou essa reportagem. Tínhamos pedido que ele contasse sua história. Ai então prosseguiu o entrevistado: Como eu ia dizendo, aqui chegando e compreendendo o valor da instrução tratei logo de fundar uma escola, sendo eu mesmo o primeiro professor. Fui ampliando com o tempo, minhas amizades prestando favores desinteressados. Meu prestígio, modéstia à parte, foi crescendo dia a dia (Jornal de Campina, 06 de setembro de 1953).

A instalação de um pequeno ponto comercial, aliada às práticas desenvolvidas pelo Sr. José Pinheiro, lhe renderam fama. Segundo o próprio, declara-se ao Jornal de Campina, na citada entrevista de 1953, as suas atuações na localidade foram diversas. Ao prestar sempre favores ampliou suas amizades, contando com respeito e prestígio entre os moradores. Além de comerciante, desempenhou o papel de professor para as crianças do bairro, tal como é exposto no trecho acima.

Segundo Amorim (1999), além das funções de comerciante e do papel de professor, José Pinheiro também se tornou conhecido por receitar remédios homeopáticos, aos que lhe procuravam aflitos com males de ordem física ou espiritual. É dessa maneira, atendendo a chamada “sabedoria popular”, que ele ganha fama de “curandeiro”, peculiaridade que sempre é ligada à sua personalidade. O atendimento era feito em sua própria residência na Rua Campos Sales, onde também ficava instalada sua mercearia, conforme destaca a historiadora Lea Amorim:

(...) com maior condição financeira, aquele senhor constrói em um terreno aforado, uma mercearia maior e nela mesmo, passa a receitar remédios e a curar males físicos e espirituais de todos aqueles que o procuravam. Além da comercialização homeopática José Pinheiro mantinha vizinho a sua casa, um grande salão com piso alto, servindo de palco para um

<sup>32</sup> O Jornal de Campina ou o “Campinense” como também era popularmente conhecido, foi um jornal que circulou na cidade de Campina Grande entre os anos de 1952 a 1953. Fundado e dirigido pelo jornalista Willian Tejo o qual é considerado um dos maiores agentes culturais locais.

pastoril que passa a ser a maior atração do bairro. (AMORIM, 1999, p. 38)

Além das já citadas atuações, outro aspecto a ser somado é a de animador de festas locais. Nos anos que seguem a década 1940, José Pinheiro se tornou ainda mais conhecido devido aos forrós organizados em sua residência, os quais acompanhados da formação de um pastoril<sup>33</sup> constituíam uma das maiores atrações da cidade. Sendo assim, no âmbito dos divertimentos e lazeres campinenses das décadas de 1940 e 1950, o bairro em formação, surgia como ponto de referência. Reunindo em seus festejos os de “dentro” e os de “fora”, o Sr. José Pinheiro marcou seu lugar na memória campinense.

Descrito nos jornais locais como um sujeito carismático e que prestava favores para os demais moradores do bairro, o Sr. José Pinheiro passa a ser “Coroador” quase que enquantoum rei de sua localidade. Ao mostrar-se acessível a todos, passou dispor grande influência entre os moradores, os quais se identificavam com este, não apenas pelo fato de habitarem o mesmo espaço na cidade, mas antes por reconhecer em sua personalidade uma voz ativa, um “protetor” em favor de seus interesses na cidade, sobretudo junto ao poder público municipal. Como se observa no trecho extraído do Jornal de Campina de 1953, onde José Pinheiro reforça:

(...) vendo que o local estava com expectativa de progresso entrei em entendimento com o senhor Lafaiete Cavalcanti, então prefeito naquela época, perguntando-lhe se havia possibilidade do local receber futuros benefícios da entidade municipal, ou seja, a abertura de avenidas, prédios, ruas, etc. Diante de sua resposta afirmativa de que o bairro poderia ser muito beneficiado no futuro, fiquei certo do progresso que desfrutava. (...) (José Pinheiro em entrevista ao Jornal de Campina, 06 de setembro de 1953)

Ao citar sua conversa com o prefeito Lafaiete Cavalcante, durante a entrevista, o Sr. José Pinheiro reforça mais uma vez a sua personalidade enquanto aquele que buscou benefícios para o bairro, o qual cabe destacar durante muito tempo que se desenvolveu a própria sorte, a contar com um grande número de moradores pobres e desamparados pelo poder público. Durante a mesma entrevista, desta vez em outro trecho, o Sr. José Pinheiro tem suas peculiaridades firmadas em um carisma particular, sendo descritos nos escritos jornalísticos como um homem de “coração bondoso” e singular. Conforme se atesta a seguir:

(...) Como é de conhecimento público, o velho José Pinheiro pelos favores que presta e por ter um coração sumamente bondoso. Voltado para os interesses do povo, desfrutava de grande

---

<sup>33</sup> O pastoril de José Pinheiro funcionava em caráter permanente as sextas, sábados e domingos no terreno ao lado da casa desse ilustre morador também de sua propriedade. Na ocasião as pastoras, escolhidas entre as mais belas moças do bairro, disputavam a atenção dos espectadores cantando e dançando, faziam a diversão no bairro. Divididas em dois cordões: o azul e o encarnado.

prestígio popular, sendo mesmo um legítimo líder dos habitantes daquela localidade. (...) (Jornal de Campina, 06 de setembro de 1953).

De comerciante a professor, “curandeiro”, criador de animais<sup>34</sup> e posteriormente animador de festas locais, o Sr. José Pinheiro traça suas marcas na memória coletiva campinense, na qualidade de sujeito histórico e popular. Sobretudo, nos anos que seguem a década de 1940 a 1950, o morador já dispunha de grande prestígio e popularidade, opinando sobre as questões políticas da cidade, como o caso das eleições de 1953 para prefeito e governador.

Com base na já citada reportagem, de Noaldo Dantas, intitulada: “José Pinheiro, O HOMEM QUE FUNDOU UM BAIRRO”, ao longo da década de 1950, o bairro do José Pinheiro apresentou feições distintas dos primeiros anos da instalação desse morador, sendo descrito como um bairro progressista e um dos mais populosos da cidade de Campina Grande.

Ao longo da mesma reportagem, também cabe destacar o claro silenciamento da participação de outras figuras no processo de construção do bairro, em prioridade a imagem de José Pinheiro, o qual desde o título é enunciado nos jornais locais como fundador. Observar tal questão nos leva a perceber a seletividade da memória no que diz respeito às personalidades históricas e como essa tem influência na formação da identidade local. Sendo assim, compreende-se a memória enquanto “liga” fundamental para construção das identidades, sejam individuais ou coletivas, colaborando no campo dos sentidos incorporados pelos sujeitos para formulação de seu local.

No que diz respeito ao bairro, com nome de homem, observa-se claramente uma disputa de memórias. Segundo o Sr. José Pinheiro. Certa vez quiseram mudar o nome do bairro, para bairro do Açude Velho, entretanto não obtiveram resultado. Tendo em vista que o mesmo já tinha sido consagrado pela vontade popular, como fica exposto no trecho a seguir:

(...) perguntado, então: Nunca tentaram mudar o nome de José Pinheiro? - Sim, quiseram, certa vez, mudar o nome do bairro que tem meu nome, alegando que pessoas vivas não poderiam prestar o seu nome para denominação de localidades, etc. No entanto, o povo já tinha consagrado e como diz o provérbio popular, “voz do povo é a voz de Deus”. (Jornal de Campina, 06 de setembro de 1953)

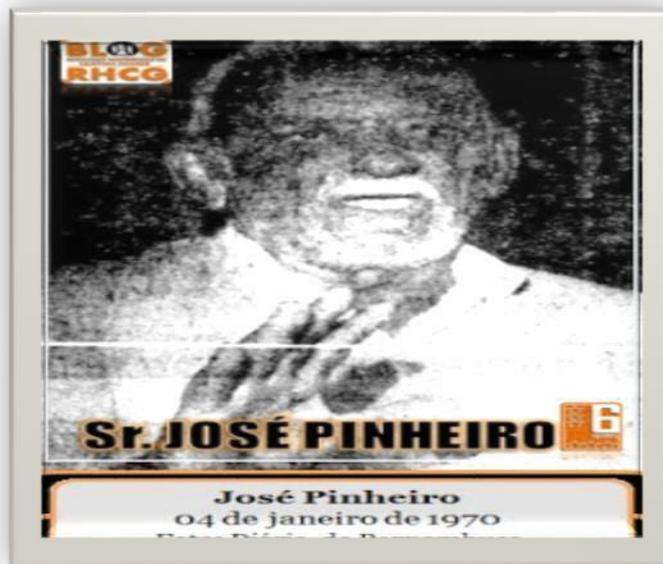
---

<sup>34</sup> Segundo o próprio José Pinheiro argumenta em entrevista concedida ao Jornal Diário de Pernambuco em 1970, este também gostava de criar animais em suas propriedades e logo também ficou conhecido por organizar brigas de galo aos domingos em sua residência. Situação que atraía a outros moradores da cidade e sempre usavam seu nome como referência para referir-se ao local.

Ao analisarmos a fala do Sr. José Pinheiro e a sobreposição de sua imagem, perante outras figuras marcantes na memória coletiva do bairro, nota-se que o antigo morador se tornou conhecido entre os seus pares e afamado pela imprensa. Sendo assim, à proporção que os jornais conferiram visibilidade a sua personalidade, instauraram também um lugar de memória para este na cidade.

Desta feita, destaca-se a reportagem elaborada pelo Jornal de Campina em 1953 e a entrevista concedida ao Jornal o Diário de Pernambuco<sup>35</sup>, na década de 1970, intitulada: “A vida e alegria de um dono de um bairro”. Mais uma vez se tem exposto, nas linhas da imprensa local, a exaltação de suas singularidades e atuação no bairro. É justamente ao longo desta última entrevista que podemos identificar um dos poucos, se não o único, registro fotográfico do homem que deu nome ao bairro.

Figura I: José Pinheiro 04 de janeiro de 1970.



FONTE: Blog Retelhos Históricos de Campina Grande.

Cabelos grisalhos, pele morena, de barba e já de idade, o Sr. José Pinheiro acena na imagem. Suas feições coincidem com algumas descrições feitas pelo Jornalista Noaldo Dantas, ao Jornal Campina Bairro, que o descrevem como um homem moreno, penteado, educado e de trato com as palavras. Esse último aspecto pode ser notado, também ao longo da entrevista concedida ao jornal Diário de Pernambuco. O repórter Raimundo Carrero ressalta que para José Pinheiro todo homem devia ser dono de quatro coisas: inteligência,

<sup>35</sup> O Jornal Diário de Pernambuco aqui exposto, pode ser acessado através da plataforma digital do RHCG.

visão, presença de espírito e vidência. Acerca de tal afirmativa, destacamos o seguinte trecho:

Campina Grande (De Raimundo Carrero) - Para o Senhor José Pinheiro, fundador do bairro campinense que leva o seu nome, todo homem para ser completo deve pelo menos ser dono de quatro coisas: Inteligência, visão, presença de espírito e vidência (Jornal Diário de Pernambuco, 04 de janeiro de 1970).

Ao longo da entrevista concedida ao Diário de Pernambuco, mais uma vez, observa-se a exaltação das memórias individuais deste personagem que, ao rememorar a sua trajetória, reforça o seu lugar na memória coletiva e destaca o bairro como um dos mais antigos e populosos da cidade<sup>36</sup> de Campina grande, como fica exposto no trecho a seguir:

Atualmente o bairro de José Pinheiro é o de maior população nesta cidade cerca de 21 mil habitantes moram lá. Embora tenham surgido algumas brigas para modificação do nome do bairro até hoje ele não foi mudado acreditando-se que nunca será. (Jornal Diário de Pernambuco, 04 de janeiro de 1970)

Conforme podemos observar no trecho acima, o bairro do José Pinheiro entre os finais da década de 1960 e início do ano de 1970, mostrava-se distinto dos primeiros anos de sua habitação. Descrito como um bairro populoso e dinâmico no âmbito da cidade, contava com o nome já consagrado por seus populares. Desde o princípio, a localidade contou com a presença de variados sujeitos. Sujeitos que nem sempre têm os seus nomes cravados na história, mas que ajudaram a costurar a rede de sentidos as quais compõem a identidade do bairro, à medida que o demarcam como seu lugar de aconchego e pertencimento dentro da cidade.

---

<sup>36</sup> Cabe destacar que no período que segue a citada entrevista, durante a década de 1970 atendendo as transformações a níveis nacionais, a cidade de Campina Grande assumia novas dimensões de organização de seus espaços. Com a presença dos planos diretores e o incentivo a indústria no estado. Será justamente neste período que temos no bairro de José pinheiro a instalação de uma FIEP – Federação Das Industrias do Estado da Paraíba.

## 5 UM BAIRRO CIDADE - ESPAÇOS DE SOCIABILIDADES

Nos tópicos anteriores, tratamos da presença de algumas personalidades e das suas influências na formação do bairro, destacando o papel exercido por essas na dinamização do local. Entretanto, cabe lembrar que, ao pensarmos a ideia de uma identidade local para o bairro do José Pinheiro e sua formação no contexto urbano, não podemos atribuir tal feito apenas a estas personalidades. Sendo assim, pensar na formação lugar implica considerar a participação dos seus mais variados sujeitos, os quais não apenas o habitam, mas antes constroem relações de convivência e reconhecimento, dando forma para o bairro na cidade. De acordo com Michael de Certeau (1997), o bairro seria um lugar do engajamento social, onde diferentes agentes manifestam a arte de conviver entre parceiros.

“O bairro aparece como o lugar onde se manifesta um ‘engajamento’ social ou noutros termos: Uma arte de conviver com parceiros (vizinhos, comerciantes) que estão ligados a você, pelo fato concreto, mas essencial, da proximidade e da repetição”. (CERTEAU, 1997, p. 39)

Desta maneira, é na arte de conviver, que os moradores do bairro do José Pinheiro se identificam enquanto cidadãos pertencentes a uma localidade. Seja uma cidade, um bairro, ou qualquer outra comunidade, o lugar aparece como um espaço construído por aqueles que o habitam. Desta maneira, os diferentes grupos costuram seus pertencimentos alicerçados em uma rede de sentidos, que ao tratar do bairro do José Pinheiro, enfatizam suas memórias, personagens e espaços de sociabilidade. Sendo assim, é justamente através das experiências em comum, que os moradores traçam seu pertencimento à comunidade.

Dentro de tal movimentação, os moradores do bairro afirmam suas peculiaridades, ancoradas nos já citados personagens, em seu dinamismo econômico e comercial, mas principalmente através da cultura, nas atividades desempenhadas junto à comunidade que fazem pulsar a vida cotidiana.

No que concerne a esta vida cotidiana, nota-se que “(...) é no cotidiano da própria vivência que as coisas vão acontecendo, vai se configurando o espaço e dando feição ao lugar(...)” (CALLAI, p.02. 2004). Logo, é justamente através desses lugares que os sujeitos também se reconhecem no mundo, marcando sua presença e ação na cidade, os lugares assumem assim grande representatividade.

Neste sentido tomemos como exemplo a própria Rua Campos Sales, a qual se constituiu como uma referência para o comércio desenvolvido no bairro, mas também a surgir como símbolo de suas dinâmicas, ponto central do cotidiano de seus populares. A

rua pulsa a vidado local, manifestando as relações de convivência e conveniência<sup>37</sup> entre os moradores.

De trocas comerciais aos lazeres domingueiros, as dinâmicas que se estabeleciam na Rua Campo Sales são rememoradas com saudade. No que diz respeito aos anos que seguem a década de 1950, por exemplo, Gurjão (1999) aponta o seguinte depoimento, colhido em suas pesquisas sobre o bairro, do morador Raimundo Borges, onde este descreve:

Aos domingos os jovens vinham principalmente para rua Campos Sales onde desfilavam os namorados de mãos dadas e as meninas vinham paquerar e mostrar suas roupas novas, principalmente pelo fato de nesta rua, já nos anos 50, termos uma rádio difusora que era a difusora de gaúcho, onde tínhamos oportunidade de escutarmos músicas e ver as meninas bonitas do bairro. (Raimundo Borges, em entrevista a Gurjão 1999, p. 48)

Como visto o passear pela Rua Campos Sales aos domingos no bairro do José Pinheiro, implicava dispor de oportunidades que não eram proporcionadas nos dias da semana. Na citação acima temos um relato de memória individual, acerca de tal espaço, no qual se observa como a rua era consumida pelos moradores josepinheirenses na década de 1950. Tornando-se um terreno fértil para o convívio e divertimento no bairro, a rua constituía um “bem de todos” que, ao usufruir do mesmo espaço, seja pelo âmbito do trabalho, comércio ou lazeres, teciam suas relações e identificação com o lugar, enquanto pertencentes ao mesmo.

Ao surgir como um ponto central da localidade, proporcionando dinâmicas variadas, a Rua Campos Sales se inscreveu na memória dos moradores Josepinheirenses, como um espaço de representatividade. Nas memórias individuais do Sr. Raimundo Borges, apontadas por Gurjão (1999), personagens de presença ativa na cultura local são lembrados, este foi o caso do Sr. Jovelino Farias, popularmente conhecido como o Gaúcho<sup>38</sup> que dinamizava o bairro com os seus autofalantes na extensão da Rua Campos Sales.

Ainda no que diz respeito aos espaços de sociabilidades marcantes para memória coletiva do bairro e que proporcionam a identificação entre os moradores, auxiliando a costurar a ideia de pertencimento, cabe destacar a presença da igreja de São José<sup>39</sup>

<sup>37</sup> Acerca do conceito de conveniência: “(...) A conveniência é a grosso modo comparável ao sistema de “caixinha” (ou “vaquinha”): representa, no nível dos comportamentos, um compromisso pelo qual cada pessoa, renunciando à anarquia das pulsões individuais, contribui com sua cota para a vida coletiva, com o fito de retirar daí benefícios simbólicos necessariamente protelados. Por esse “preço a pagar”, (saber “comportar-se, ser “conveniente”), o usuário se torna parceiro de um contrato social que ele se obriga a respeitar para que seja possível a vida cotidiana. (CERTEAU, 1997, p.39)

<sup>38</sup> Jovelino Farias, ou simplesmente o Gaúcho foi um grande comunicador na história do rádio campinense. Instalou no bairro serviços de alto falantes com a sua difusora, agitava a vida cultural do bairro.

<sup>39</sup> Inaugurada em 25 de dezembro de 1948, a paróquia de São José desempenhou um importante papel na prestação de serviços a fé e aos

e a formação do Círculo Operário<sup>40</sup>. Que ao marcar participação ativa no cotidiano do lugar, podem ser vistos como espaços que representam a comunidade, à medida que prestaram serviços de assistência aos moradores, os quais desassistidos pelo poder público, encontramna igreja de São José e no Círculo Operário, lugares de aconchego, acolhimento e pertencimento a um grupo dentro cidade.

Destacando-se como pontos de referências para os moradores dentro do bairro, tais espaços marcaram as memórias individuais e coletivas dos seus populares, que ao recordarem, denunciam um bairro do José Pinheiro do passado. Foi por meio desses espaços juntamente com o seu comércio pujante que, o bairro manifestou um grau de autonomia em relação à cidade, ganhando vida e presença como um bairro-cidade.

Ao falar de identidade, não nos referimos a esse espaço como algo fixo e imóvel, mas enquanto algo que é assumido pelos sujeitos a fim de demarcar seus lugares. Impor valor para si e se diferenciar de outros, na busca por um reconhecimento enquanto cidadão não apenas em sua localidade, mas enquanto parte integrante do mundo, do país, da cidade. Tal situação é bastante presente no bairro, ainda mais de modo a confrontar os discursos depreciativos sobre o local.

Acerca desta defesa do lugar, destacamos outro trecho da entrevista concedida pela Sra. Marlice Agra, ao projeto o Museu do bairro do José Pinheiro, disponível no acervo áudio digital. Que ao rememorar relata:

(...) Eu me orgulho de ser Zé Pinheiro. Um dia eu estava no dentista, ai tinha duas senhoras muito granfinas e disseram: a senhora podia me dar a vaga? Eu disse: minha filha quem sabe é a doutora. (...)A mulher revoltou-se: disse que só podia ser de zé pinheiro, falou que o povo de zé Pinheiro era isso, era aquilo. Que aqui era um bairro que não existia moça. Só existia essas mulheres. Ai eu me esquitei, eu disse:

-Quem foi que disse isso a senhora? A senhora já foi em Zé pinheiro? Ela respondeu: Deus me livre, eu não gosto daquele bairro. E eu disse: como a senhora está dizendo que não tem uma moça lá em Zé Pinheiro? De ter, tem! Agora se tem algumas perdidas é em todo canto, não é só em Zé pinheiro. Pois eu nasci em Zé pinheiro e me orgulho em ser de Zé pinheiro. Me casei, fiquei morando no Zé Pinheiro e quando eu morrer vou para o cemitério de Zé Pinheiro. Tenho lá meu tumulo, aí ela ficou toda sem jeito, eu brigava era muito lá no dentista. (Entrevista de Marlice Agra, disponível no acervo de áudio digital do Museu do bairro de José Pinheiro, 2016.)

Ao longo da fala de dona Marlice Agra, percebemos não apenas uma defesa das citadas moças bairro, mas também do local como sendo o seu lugar na cidade, suas experiências, suas memórias, diria até de sua família, os Agra. Em sua fala a moradora diz

---

moradores da comunidade.

<sup>40</sup> Fundado no ano de 1948, o Ciclo Operário firmou atuações em assuntos do campo do trabalho. Mas também em questões de ordem social, ao prestar serviços assistencialista aos moradores do bairro, os quais ia desde a organização de cursos profissionalizantes para os jovens até a compra de caixões para os mais pobres, em uma ação de assistência imediata.

ter orgulho de ser “ZéPinheiro”, o elegendo como o seu lugar de vida e de morte, assina o seu pertencimento ao local. Perceber falas como a de Marlice, nos leva a identificar o valor das experiências cotidianas, para promoção da identificação dos moradores com o bairro, o qual surge para os moradores como centro de referência na cidade, lugar onde estes experimentam as primeiras leituras de mundo, traçando suas vivências.

Desta maneira, observa-se que pensar o bairro na perspectiva de um bairro cidade é estar atento às diversas linhas de memória, experiências e práticas desenvolvidas no local. Estas, por sua vez, manifestam-se, sobretudo, na fala de seus moradores, os quais constroem e reconhecem-se enquanto parte do bairro. Mais ainda assim reclamam seu reconhecimento e valorização do lugar, de modo a dignificá-lo diante da cidade.

Conforme bem exemplifica Anderson (2008), a noção de pertencimento não é um sentimento “nato”, embora os sujeitos estejam ligados a uma nação e logo carreguem todos os símbolos que pertencem a essa, ainda assim os sujeitos têm a capacidade de “imaginar” suas comunidades, “criar” os seus lugares, reconhecendo-se em outros e a partir desses promovem “valores” para si, para sua identidade. Identidade esta que é gestada nas experiências em comum, na realidade vivenciada, mas também costurada por memórias e aspirações futuras. É através dessa identificação que indivíduos acolhem e são acolhidos pelos lugares, criam suas comunidades, constroem suas cidades, seus bairros, os quais são resultado dos diferentes grupos que nele habitam.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao pensar os elementos construtores de uma identidade local, seja de um bairro, cidade ou comunidade, não podemos atribuir sua formação apenas a um único elemento. Conforme atesta-nos o próprio bairro do José Pinheiro, tal como a cidade o bairro constitui-se enquanto um lugar que pulsa, vive e se transforma no tempo.

Pensar na construção de sua identidade é antes de qualquer coisa perceber as dinâmicas de identificação, a presença das memórias que dão liga para o reconhecimento dos sujeitos enquanto pertencentes a um “lugar” na cidade. Lugar esse, o qual cabe destacar que não se encontra isolado do mundo, do nacional ou do global. Mas antes se apresenta para os moradores enquanto o próprio mundo, isto é, a primeira referência para os sujeitos de uma vida em sociedade.

Desta maneira é a partir desse lugar que os sujeitos fazem suas primeiras leituras de mundo, reconhecem e são reconhecidos. Criam espaços, dinâmicas, lugares, elegem personalidades e selecionam memórias. Todo esse conjunto influencia na formação do fenômeno da identidade.

Foi justamente observando a presença dessas personalidades, lugares e memórias presentes no bairro do José Pinheiro, assim como as dinâmicas estabelecidas pelos seus moradores através do tempo que podemos identificar laços de pertencimento lançados ao local. Sobretudo, a partir de suas experiências estes traçam sua identificação na cidade.

Conforme podemos identificar, ao longo dos quatro movimentos de análises que empreendemos, buscamos por analisar o bairro em mais de um momento chave para sua história, apontando suas dinâmicas desde a formação até as narrativas exaladas pelos seus moradores, os quais destacam o espaço como bairro cidade. Apoiados, sobretudo nas chamadas memórias fortes, termo que aqui foi exposto e nos faz pensar sobre a sua seletividade.

Ao enxergar o José Pinheiro do passado, de uma formação anterior ao seu reconhecimento enquanto bairro podemos identificar as transformações da própria cidade. Sobretudo, através de suas sociabilidades, foi possível demarcar espaços de identificação dos sujeitos. Ao visar salientar um dos principais aspectos que tornaram o bairro afamado, no contexto de Campina Grande em transformação, destacamos a figura do José Pinheiro, o homem que dá nome ao bairro, o que nos possibilitou também enxergar o papel exercido pela imprensa local, na notoriedade que se deu ao bairro, como fica exposto nas linhas do

Jornal de Campina.

Ao analisar este personagem histórico para o bairro, podemos também problematizar o caráter seletivo da memória para formação das identidades locais. Ainda enquanto resultado das análises investidas, ao longo do quarto ponto investigativo, verificamos a relevância da memória e o sentimento de pertença na fala de seus moradores como mais um elemento que auxilia na formulação deste enquanto bairro cidade, ideia esta que se firma não apenas em seus aspectos econômicos, mas principalmente nos sentidos dados ao local, no campo da cultura e das sociabilidades.

Valendo-nos das já citadas fontes dos arquivos do museu do bairro, principalmente as orais, a qual obtive a oportunidade de transcrever mergulhando nas memórias individuais de seus moradores. Sendo assim, destaco a presente pesquisa como uma contribuição social para com os moradores do Bairro do José Pinheiro. Contribuição essa em que verificamos a relevância da memória para formulação da identidade do bairro, para um dado reconhecimento no meio urbano.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena **Historias dentro da História**. In. PINSKY, Carla Bassanezzi. ORG. Fontes Historicas. São Paulo: contexto, 2010.

ALBUQUER JUNIOR, Durval Muniz de. **Violar Memorias e Gestar a História: Abordagem de uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um “parto difícil”**. História: a arte de inventar o passado. São Paulo: EDUSC, 2007.

Aliete Rodrigues Viana, disponível no acervo de áudio digital do *Museu do bairro de José Pinheiro*, 2016.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a origem e expansão do nacionalismo**. Companhia das Letras. São Paulo. 2008

CALLAI, Helena Copetti. **O estudo do lugar como possibilidade de construção da Identidade e Pertencimento**. VIII Congresso Luso-Afro Brasileiro de ciências Sociais, 2004. CERTEAU, Michael. **A Invenção do cotidiano**, v.2. Ed. Vozes, Petrópolis –RJ, 2008.

DINIZ, Lincon da Silva. **As bodegas de Campina Grande: Objetos de permanências e transformação no pequeno comercio do bairro de José Pinheiro**. Recife. Universidade Federal de Pernambuco, 2004. (Dissertação de mestrado). Geografia

Fatima Ribeiro, em entrevista concedida ao Projeto o museu do bairro de José Pinheiro, 2016. Disponível no acervo digital de áudio e vídeo. Acessado em 11 de maio de 2020

Giovanna Aquino, em entrevista concedida ao jornalista Renato Diniz, novembro de 2016. Disponível em: <https://www.renatodiniz.com/2016/11/escola-municipal-nenzinha-cunha-lima.html>. Acessado em 11 de maio de 2020, às 23:00)

GURJÃO, Eliete Queiroz. **O bairro do José Pinheiro: Ontem e Hoje**. João pessoa-PB. 1999 HALBWACHS. **A memória Coletiva**. Ed. Vértice. São Paulo. 1990.

*Jornal de Campina, 06 de setembro de 1953.*

*Jornal Diário de Pernambuco*, Pernambuco, 04 de janeiro de 1970.

Marlice Agra, disponível no acervo de áudio digital do *Museu do bairro de José Pinheiro*, 2016.

POLLAK, M. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.5, n.10, p.200- 212: 1992.

*Revista Tudo*, Campina Grande, 1986, p 03.

SILVA, Michelle Nascimento. **Identidade, pertencimento e sociabilidade no espaço urbano: observações sobre a percepção dos usuários do bairro cidade baixa em porto alegre**. *Iluminuras*, Porto Alegre, v. 14, n. 34, p. 194-210, ago./dez. 2013

SILVA, Silvia Tavares. **O bairro de José Pinheiro: Memórias, Práticas e representações**. Trabalho Monográfico, UFCG, (S/D).

SOUSA, Fabio Gutemberg Ramos Bezerra de. **Territórios de confrontos: Campina Grande 1920-1945**. Campina Grande. EDUFPG, 2006.

SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa de. **Lazeres Permitidos, Prazeres Proibidos: Sociedade, Cultura e Lazer em Campina Grande (1945 – 1965)**. Tese de doutorado, UFPE, 2002.

ZEPA: O bairro cidade. Disponível no acervo digital de áudio e vídeo.